

TERRITORIAL



A seção aborda os desafios para assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos no período recente. Em seu escopo traz os alertas apontados pela Organização das Nações Unidas a respeito do tema e o crescimento dos conflitos em torno do uso da água no Brasil.

DESAFIOS PARA O USO SUSTENTÁVEL DA ÁGUA

O presente artigo aborda a discussão em torno do uso sustentável dos recursos hídricos e seus conflitos de uso no período recente. Trata dos desafios apontados pela Organização das Nações Unidas (ONU) sobre a questão da água em escala mundial.

Além disso, o artigo mostra o crescimento dos conflitos em torno do uso da água segundo regiões geográficas, unidades federativas, grupos sociais envolvidos e os principais causadores de conflitos hídricos.

A situação do uso dos recursos hídricos no mundo

Entre os objetivos do desenvolvimento sustentável da ONU destaca-se o de assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos. Para contribuir com a discussão, o organismo inter-

nacional lançou o Relatório Mundial das Nações Unidas sobre Desenvolvimento de Recursos Hídricos de 2018, no Dia Mundial da Água, em 22 de março deste ano, integrando o 8º Fórum Mundial da Água.

Segundo a ONU, a demanda mundial por água tem aumentado 1% ao ano. Vai continuar crescendo nos próximos vinte anos, principalmente pela necessidade industrial e doméstica, com destaque para o crescimento da demanda em países em desenvolvimento. O setor agrícola é e vai permanecer sendo o maior consumidor de água.

As mudanças climáticas vão intensificar os alagamentos e secas para eventos ainda mais extremos. A escassez de água em períodos maiores que um mês já ocorre em locais onde vive praticamente metade da população do mundo. A previsão da ONU para 2050

é de que a população mundial chegue a 9,8 bilhões, na qual 5,7 bilhões de pessoas poderão sofrer com a escassez de água. Prevê-se também que as pessoas morando em locais com risco de inundações aumentará em quatrocentos milhões, passando para 1,6 bilhão de pessoas até 2050.

O diagnóstico realizado pela ONU é de que a qualidade da água no mundo apresente ainda piores condições, sobretudo devido ao aumento da carga de nutrientes e produtos químicos. Essa situação provavelmente será mais grave em países de menor renda.

O debate em torno do uso sustentável dos recursos hídricos tomou proporções mundiais e muitos fóruns de discussão foram criados. Entre estes, destaca-se o Fórum Alternativo Mundial da Água (Fama), ocorrido no Brasil em março de 2018. Foi a quinta edição de um evento internacional que ocorre paralelamente ao Fórum Mundial da Água, para lutar pelo direito à água como bem comum e pela não transformação da água em mercadoria. Nessa edição, movimentos sociais de dezesseis países, do campo e da cidade, somaram esforços para pressionar governos e multinacionais contra a mercantilização da água.

Segundo o Fama, o Fórum Mundial de Água não passa

de um evento para privatizar e comercializar reservas e fontes naturais de água, permitindo que grandes multinacionais detenham a água como bem mercantil e impedindo a solução da crise de acesso à água no mundo.

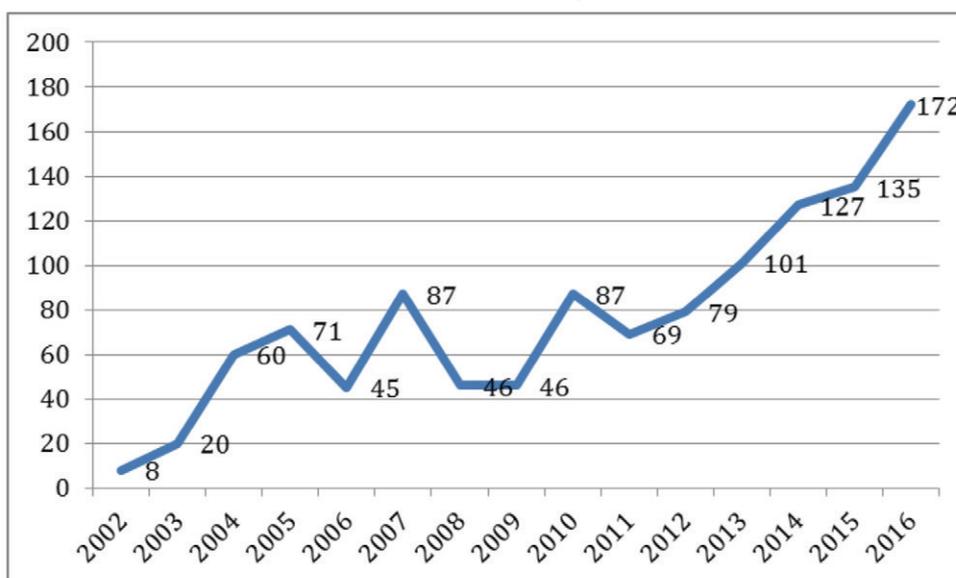
O fórum luta para que as populações atingidas pelo não uso sustentável da água, tais como índios, quilombolas, agricultores familiares, pescadores artesanais sejam ouvidos e participem do processo decisório relacionado ao acesso à água, como mudanças climáticas, saúde, segurança alimentar e crises hídricas.

Conflitos pelo uso da água no Brasil

Em 2016, de acordo com o último relatório de Conflitos no Campo do Brasil elaborado pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), foram registrados 172 conflitos pela água, o que significa praticamente um episódio a cada dois dias do ano, que envolveram cerca de 44.471 famílias.

Como é possível observar pelo gráfico a seguir, desde 2002, a quantidade de ocorrências passou de oito para 172 casos. Só entre 2015 e 2016, houve um aumento de 27% no número de casos registrados.

Gráfico 1 - Número de conflitos pela água. Brasil, 2002-2016

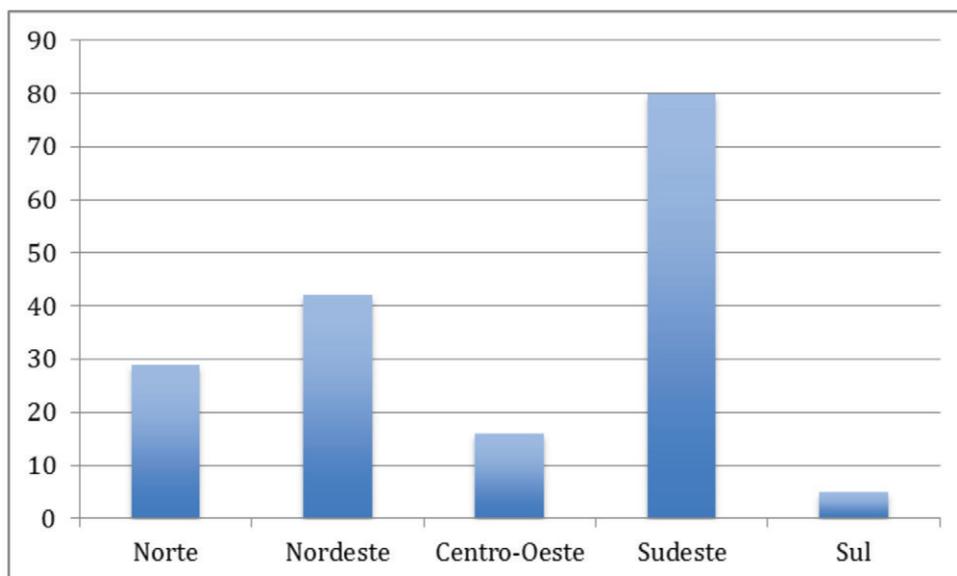


Fonte: Comissão Pastoral da Terra, 2017.

Do total de casos, a maior parte se concentrou nas regiões Sudeste e Nordeste, com oitenta e dois casos, res-

pectivamente. Em seguida se destaca a região Norte, que apresentou 29 casos, conforme gráfico a seguir.

Gráfico 2 - Conflitos pela água segundo região geográfica. Brasil, 2016

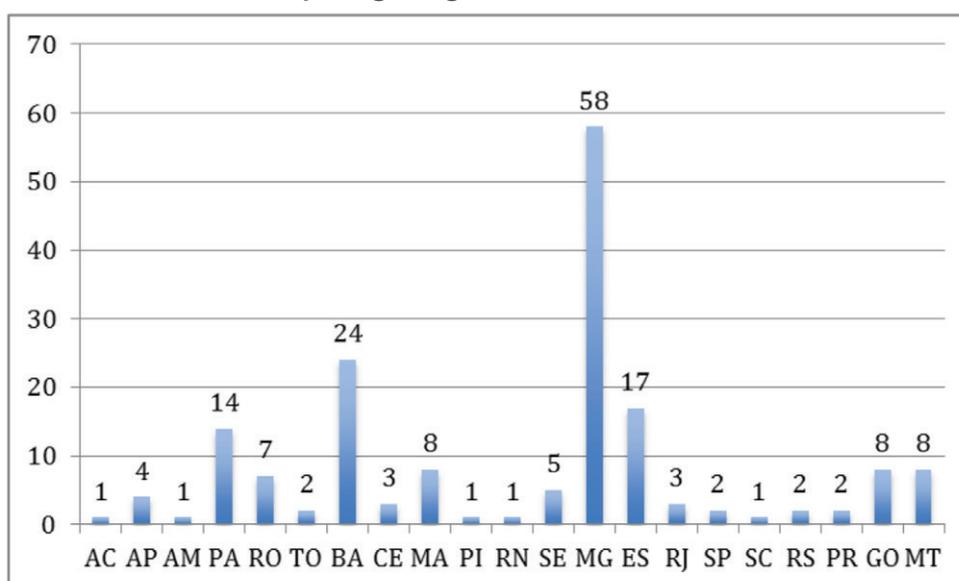


Fonte: Comissão Pastoral da Terra, 2017.

De acordo com o relatório, a distribuição dos conflitos por unidade federativa mostrou uma realidade heterogênea no território, como se pode perceber pelo próximo gráfico. Em 2016, nota-se que grande parte dos estados, 21 dos 26, teve algum

caso de conflito pela água. Minas Gerais concentrou pouco mais de um terço do total dos casos no período, com 58 conflitos. A Bahia foi o segundo estado com maior quantidade de ocorrências, registrando 24 no período.

Gráfico 3 - Conflitos pela água segundo unidades federativas. Brasil, 2016

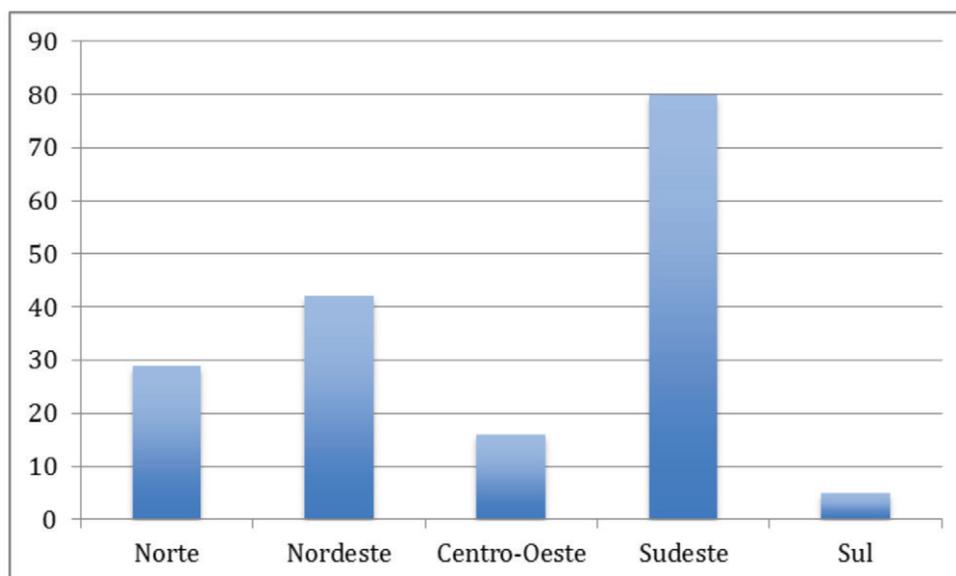


Fonte: Comissão Pastoral da Terra, 2017.

Os dados da Comissão Pastoral da Terra também relevaram a distribuição dos casos de acordo com o grupo social atingido pelos conflitos. De acordo com o gráfico a seguir, é possível perceber que a

maior concentração dos registros foi nos grupos sociais dos ribeirinhos, com 64 casos, e dos pescadores, com 31 casos.

Gráfico 4 - Conflitos pela água segundo grupo social. Brasil, 2016

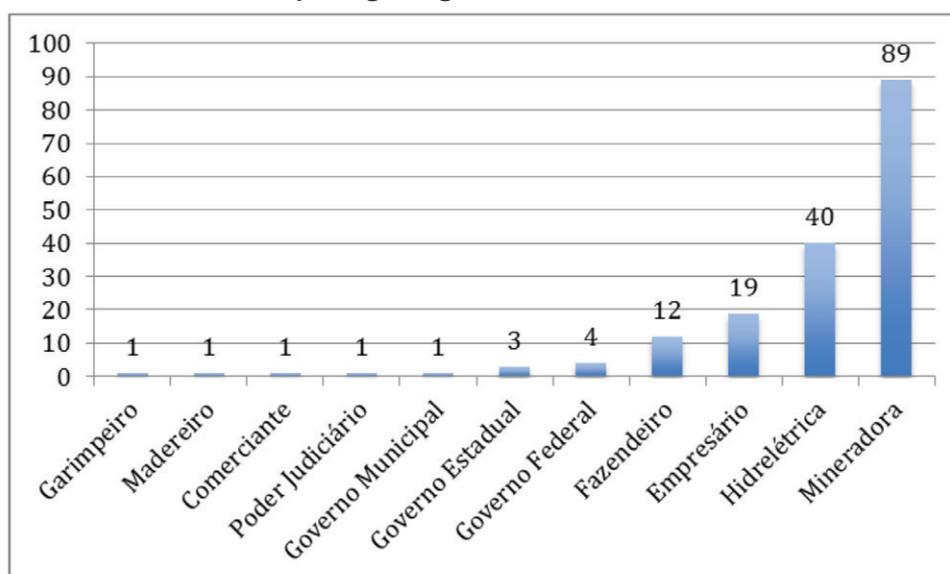


Fonte: Comissão Pastoral da Terra, 2017.

Além disso, observa-se a partir dos dados reunidos no próximo gráfico que os causadores da violência foram variados. Contudo, é possível notar que as mineradoras foram as maiores causadoras

de violência nos casos registrados pela Comissão Pastoral da Terra, estando envolvidas em mais da metade dos conflitos pela água.

Gráfico 5 - Conflitos pela água segundo causador da violência. Brasil, 2016



Fonte: Comissão Pastoral da Terra, 2017.

Conflitos ocorridos no período pós-golpe

Observa-se também que no período pós-golpe ocorreram três mortes por conflitos pela água no Brasil. Em 2017, houve o assassinato de Fernando Pereira, liderança comunitária do município de Barcarena (PA), que denunciava conflitos fun-

diários e crimes socioambientais do setor da mineração, tais como poluição de mananciais com rejeitos químicos.

Em março de 2018, Francisca Nascimento, coordenadora geral do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu sofreu uma ten-

tativa de homicídio em São João do Arraial (PI). Francisca sofreu agressão como retaliação a um projeto comunitário que consiste na retirada de cercas envolvendo o açude de Santa Rosa. A fonte de água havia sido destruída pelo próprio agressor. Com a reconstrução e preenchimento do açude, este terá capacidade de abastecer vinte comunidades próximas.

Além disso, em 5 de março de 2018, mais de mil mulheres do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) manifestaram em frente à Suzano Papel e Celulose na cidade de Mucuri (BA). A manifestação fez parte da Jornada Na-

cional de Luta das Mulheres sem Terra, na qual o movimento denunciou diferentes situações de acordo com as realidades locais.

No caso de Mucuri (BA), as mulheres presentes na ação destacaram a crise hídrica que a cidade sofre, com a seca de mananciais de água doce. O movimento ressalta o papel da Suzano nessa crise, principalmente pelo avanço desenfreado da monocultura de eucalipto, cuja exacerbada demanda por água conflita com o uso da água para o consumo humano. Além disso, as mulheres do MST manifestaram contra a pulverização aérea pela empresa e uso de transgênicos na produção.